



**CENTRO DE PESQUISAS ESTRATÉGICAS  
“PAULINO SOARES DE SOUSA”  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

## **A GESTÃO DEMOCRÁTICA DO CONHECIMENTO, SEGUNDO JEAN-JACQUES ROUSSEAU (1712-1778) – FUNDAMENTOS EDUCACIONAIS E ANTROPOLÓGICOS**

**Rosilene de Oliveira Pereira**

Membro do Centro de Pesquisas Estratégicas “Paulino Soares de Sousa”, da UFJF.  
Doutora em Filosofia pela UFRJ.  
Professora Adjunta da Faculdade de Educação da UFJF.

**Regina Coeli Barbosa Pereira**

Membro do Centro de Pesquisas Estratégicas “Paulino Soares de Sousa”, da UFJF.  
Doutora em Filosofia pela UFRJ.  
Professora Adjunta da Faculdade de Educação da UFJF.

A educação ganha nova dimensão com a mudança de ênfase no sujeito do processo educativo. Num momento em que os pensadores priorizavam a objetividade, Rousseau pensa, voluntariamente, num plano mais subjetivo da educação. Constrói uma nova concepção de educação, não mais baseada no domínio de livros e de fórmulas, mas a partir da construção do conhecimento pelo próprio educando. Com ele, instaura-se uma nova maneira de pensar o homem, reconhecendo-lhe a capacidade de dirigir o seu próprio eu, firmar sua liberdade, sua identidade.



O filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), o grande sistematizador da pedagogia moderna.

### **Em que consiste a educação, segundo Rousseau?**

Rousseau opõe-se à educação como transmissão de valores, conhecimentos e informações; à educação que procura moldar a natureza da criança com padrões pré-estabelecidos – com maneiras de pensar, agir e sentir determinadas por forças externas aos seus interesses e expectativas. A educação torna-se um processo natural e mistura-se com a vida. Faz parte dela e não se constitui em uma preparação para um futuro distante de infância. Ela se faz a todo o momento, em todo lugar. Conferindo liberdade às forças naturais, o filósofo transforma o processo de desenvolvimento na possibilidade de usufruto de uma vida racional, produtiva, útil, enfim, criativa, em atendimento às satisfações correspondentes.

Conforme Rousseau, não há um único modelo ou forma da educação. A educação, para ele, constitui uma expansão das aptidões naturais e só pode acontecer por meio do desenvolvimento interno da criança, pela ação de seus instintos e inclinações.

Em seu livro *O Emílio ou da Educação*, Rousseau mostra sua preocupação para com a formação do homem como pessoa humana, pois acredita que sua vocação comum é a condição de homem.

A educação enquanto processo imanente de formação do homem tem, como seu ponto de partida, a realidade da natureza humana. É um conceito de educação como sendo um processo natural e espontâneo, um autodesenvolvimento, uma evolução criadora.

A educação de Rousseau possui uma orientação essencialmente naturalista; trata-se de uma concepção da educação baseada na natureza da criança e por ela limitada, é um processo educativo cujos fatores e objetivos se restringem ao mundo das coisas materiais.

A educação não passa de um trabalho de vigilância em torno da criança, com o fim de criar um ambiente propício à expansão de sua vitalidade que, por si mesma, não havendo causas perturbadoras, se desenvolveria no sentido da maior perfeição.

Tudo o que não temos ao nascer e de que precisaremos quando grandes nos é dado pela educação. Essa educação vem-nos da natureza, ou dos homens ou das coisas. O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e a aquisição de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas [Rousseau, 1999: 8-9].

Rousseau vê grande dificuldade na educação, devido às limitações impostas ao desenvolvimento da individualidade. Tal desenvolvimento é propiciado pela liberdade e é obstaculizado pelos condicionantes sociais, pelas normas morais. O homem, em sociedade, tem de se esforçar para tornar seus os fins de seus semelhantes, sem que nenhum interesse subjetivo interfira em suas ações. Essa condição limita as liberdades individuais e os fins subjetivos e faz o homem sujeitar os fins particulares aos fins alheios. A grande questão consiste em fazer com que aconteça a formação da individualidade moral autônoma, na vida em sociedade.



O filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804), que recebeu a influência de Rousseau na formulação dos princípios básicos da sua *Antropologia*.

## **Níveis da educação**

Jean-Jacques Rousseau reconhece níveis diferenciados no processo educativo, discriminando: a educação da natureza, dos homens e das coisas. A educação da natureza é responsável pelo processo de maturidade e de evolução do ser humano. A educação dos homens acontece no processo de interação social. O homem é destinado a viver em sociedade. O instinto de sociedade o força a se associar ao outro para desenvolver completamente seu processo evolutivo. A criatura humana necessita da espécie para que possa cumprir com o seu destino. Cada um precisa extrair de si próprio os talentos com os quais enfrentará a resistência alheia, ao mesmo tempo em que precisa aproveitar toda forma de experiência que vivencia, na relação com o outro, para que possa aumentar sua capacidade de agir. O meio de que a natureza se serve para propiciar o desenvolvimento de suas disposições naturais é a sociedade, aonde vão se explicitar os antagonismos dessas disposições.

Para Rousseau, o homem deve ser o sujeito de sua própria educação e isso pode acontecer na ação, ao manipular os objetos, percebê-los, bem como ao explorar suas características e possibilidades.

A educação das coisas acontece no momento em que o homem entra em contato com a natureza, experimentando-a e colocando-a ao seu dispor.

Ao se situar entre as coisas e experimentá-las, o homem pode conhecê-las em suas mais diversas significações e dimensões, ao mesmo tempo em que se percebe a si próprio como sujeito diante de objetos cognoscíveis. Há uma clara supremacia do sujeito do conhecimento.

Diferentemente de Kant, que considerava a razão como instrumento de conhecimento, para Rousseau o sentimento é o verdadeiro instrumento do mesmo. O objeto a ser considerado não é seu mundo exterior, mas o mundo humano, subjetivo.

Ação e reflexão estabelecem nova forma de relação do sujeito com os objetos, imprimindo-lhes identidades próprias.

À medida que nos tornamos mais sensíveis e esclarecidos, nossas disposições naturais se firmam e se alteram, segundo nossas opiniões. O mundo da natureza é o mundo do homem e, para educá-lo, é preciso que o educador se reporte a essas disposições primitivas. Desde que nascemos, somos afetados pelos objetos que nos cercam, devido à nossa sensibilidade. Ela nos põe em contato com o mundo e com as coisas.



Vista aérea parcial da cidade de Genebra, cidade natal do filósofo Jean-Jacques Rousseau.

### **Educação e liberdade**

Rousseau reconheceu a educação como um direito nato e a infância como uma fase dotada de características próprias. Ele deu impulso à idéia, que muitos não conseguiram exprimir, de ser a educação um direito universal. O sujeito, para ele, não é dado imediatamente, de modo atemporal e ahistórico, mas é constituído gradual e progressivamente, num longo processo de subjetivação, que se estende da criança ao homem adulto. A consequência da descoberta da temporalidade na vida humana consiste na originalidade da visão pedagógica do *Emílio ou da Educação*, que reside na compreensão do fenômeno educacional como formação do sujeito e processo de subjetivação, que se desdobra no tempo e na história, numa gênese que se estende da infância à idade adulta, em que cada uma das etapas – a criança, o adolescente e o

homem adulto – deve ser vista em suas inter-relações, mas também e, sobretudo, em suas diferenças próprias e específicas.

Rousseau procurou demonstrar a importância da liberdade no desenvolvimento do homem, acreditando que ela desabrocha a partir da independência natural (no estado de natureza) e floresce na vida em sociedade, que é a condição de sua existência.

Para Rousseau, a criança deve ser tratada como criança e não mais como um pequeno adulto. Ele considerou, em suas teorias educativas, a natureza da criança e permitiu à educação estabelecer suas finalidades e seus processos totalmente dentro da vida e da experiência da criança.

Com Rousseau, e isso irá se impor até os nossos dias, a pedagogia deve dirigir-se à criança, considerando-a em seu modo de ser próprio, que a distingue do homem adulto.

Conforme Jean-Jacques Rousseau, a educação deve ser progressiva, de tal forma que o estágio do processo pedagógico seja adaptado às necessidades individuais do desenvolvimento.

No *Emílio ou da Educação*, o estudo da condição humana ensina, ao homem bem educado, a suportar os revezes da vida.

O processo educativo evidenciado por Rousseau é negativo, limitando-se àquilo que não deve ser feito. A educação positiva deve iniciar-se quando a criança adquire consciência de suas relações com os semelhantes. Passa-se, assim, do espectro da pedagogia propriamente dita aos domínios da teoria da sociedade e da organização política.

A organização social injusta e desigual estimula o homem a conservar, na vida em sociedade, suas inclinações naturais de forma incompatível com a nova ordem, que não é a ordem da natureza. Dessa forma, a predominância do interesse pessoal leva o indivíduo, sempre, a preterir o outro em proveito de si. A educação, no contexto individualista, reforça a contradição

social, na medida em que não impede o florescimento de paixões anti-sociais; essa educação, conivente com a ordem social ilegítima, não constitui o espírito social. Nessa ordem mal organizada, porque contrária à natureza do homem, este é um ser degradado.

A boa socialização deve levar o homem à sociedade igualitária. Rousseau ressalta que a desigualdade social não tem fundamento na desigualdade natural. Em estado de natureza esta não é significativa, mas, uma vez instaurada a desigualdade social, esta só tende a aumentar.

Assim, em sua obra *Emílio ou da Educação*, Rousseau coloca Emílio representando o homem da natureza educado para viver no meio social corrompido, esforça-se por construir dentro de si o mundo moral e vive como um justo entre os maus. A sociedade do contrato preserva a bondade natural, que é garantida por uma organização política igualitária, movimentada pela vontade geral e na qual a educação, inteiramente pública, cuida para que não floresçam no coração humano paixões anti-sociais.

A desnaturação é o caminho correto da socialização do homem. O problema da socialização se coloca como um desafio crucial da ordem natural para a ordem social.

Não é possível inventar o homem. É preciso educá-lo, propiciar-lhe o seu desenvolvimento para que possa conquistar-se, fazer-se mais si mesmo, dominar o mundo e fazê-lo mais humano.

Cada um deve ter seu próprio caminho de entrada no mundo que é comum a todos. A intersubjetivação das consciências é a progressiva subjetivação, no homem, do seu ser homem.

O homem sozinho, isolado, é a negação do homem; é fechamento da consciência que, para ser consciência, é abertura. A consciência do homem procura conservar-se a si mesma, num movimento que transgride todos os seus limites, pois a consciência é consciência do mundo. Mundo e consciência constituem um mesmo movimento, isto é, uma mesma história, que é a

saga da humanização do cosmo. Reencontrar-se como sujeito é um compromisso do homem consigo mesmo, para a humanização da sociedade.



Quedas d'água nos arredores de Montmorency, perto de Paris, onde Rousseau morou quando da escrita da sua obra *Du Contrat Social*. O Filósofo amava o contato com a natureza, como forma de retornar à fonte inspiradora dos seus princípios.

### **Subjetivação da consciência e processo educacional**

No processo de subjetivação, a consciência do homem emerge para libertá-lo do processo de objetivação proposto por consciências dominadoras. A liberdade desabrocha a partir da independência natural e floresce no seio da sociedade, que é a condição para sua existência.

O homem é livre e precisa viver a liberdade, para expressar sua humanidade. O processo de humanização se articula com o processo de humanização.

Pensar o homem como um projeto histórico acabado é desconsiderá-lo como humano. Na vida em sociedade as circunstâncias, provocando o desenvolvimento de novas e sofisticadas necessidades, rompem o equilíbrio natural, fazendo com que nasçam as paixões; estas estimulam a perfectibilidade. Sendo esta a faculdade que tira o homem de sua situação original de felicidade, fazendo desabrochar tanto seus vícios como suas virtudes, ela é também a causa da involução ou do retrocesso da humanidade. Para Rousseau, o desdobramento da perfectibilidade constitui o avanço da infelicidade humana.

No homem natural existia a razão apenas em potência, devendo seu desenvolvimento à vida social. Seu desenvolvimento tornou-se fundamental para a sobrevivência do homem. Isso



porque somente em sociedade é que o homem entra na idade da razão. A vida em sociedade é condição *sine qua non* de racionalidade.

Foi a instituição da sociedade e as relações estabelecidas entre os homens que exigiram, do ser humano, potencialidades diversas das que tinha em sua primitiva constituição. O homem, ao procurar satisfazer suas necessidades de sobrevivência, descobriu instrumentos e técnicas, ao mesmo tempo em que teve necessidade de relações permanentes com seus semelhantes, o que contribui para a aquisição de características diferentes das que já possuía.

Na medida em que o homem tornou-se mais completo, maior dependência teve da sociedade. Enquanto o homem natural é são, forte, equilibrado física e moralmente, isto é, independente, o homem da sociedade, para sobreviver, depende dos outros homens.

Na sociedade, o homem é um ser dependente e esta dependência significa que terá necessidade de outros se submetendo ao seu domínio.

O que Rousseau deixa claro é sua convicção de que, em sociedade, a condição do homem pode melhorar ou piorar. Em qualquer hipótese, o critério do avanço ou retrocesso é de ordem moral. A aquisição de qualidades ou defeitos constituiu a primeira fonte das desigualdades. As relações sociais em desenvolvimento fizeram brotar, no íntimo do homem civilizado, a maldade, o desejo da concorrência com os demais, a ambição, o domínio de um sobre o outro, enfim, características positivas e negativas, decorrentes das mutações humanas.

A idéia de Rousseau sobre o homem não é estática. Para ele, o homem não é um ser acabado concluso. Diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens possuem consciência de sua inconclusão e seu permanente movimento é de busca do ser mais. Aí a educação tem suas raízes, como manifestação exclusivamente humana. A busca da pureza da consciência natural é o dever fundamental de todo o homem.

Rousseau aponta a educação como a grande possibilidade do fazer-se homem, a fim de libertá-lo dos artificialismos impostos pela sociedade. Somente ela é condição de liberdade e igualdade entre os homens; de afirmação da pessoa humana como sujeito.

A educação proposta por Rousseau é a da liberdade ou da natureza. Por ela, o homem adquire a possibilidade de penetrar na sua interioridade, alcançar a liberdade e dar significado à sua existência, considerar a si e ao outro; perceber o outro como extensão de si próprio. O principal objetivo da educação é formar o homem livre, capaz de se defender contra todas as influências negativas advindas da sociedade.

A educação ensina o homem a viver.

O ignorante, que nada prevê, mal sente o valor da vida e tem pouco medo de perdê-la; o homem esclarecido enxerga bens de maior valor, que prefere àqueles [Rousseau, 1999: 72].

O homem não deverá ser educado apenas para si mesmo, mas para viver em comunhão com seus semelhantes. Seu objetivo deverá ser o de suprimir, a um só tempo, as contradições do homem em sociedade e o obstáculo à sua felicidade, cuja condição básica é a liberdade. No *Emílio*, Rousseau expõe o objetivo da educação ao expressar:

Viver é o ofício que quero ensinar-lhe. Ao sair de minhas mãos, concordo que não será nem magistrado, nem soldado, nem padre; será homem, em primeiro lugar; tudo o que um homem deve ser, ele será capaz de ser, se preciso, tão bem quanto qualquer outro; e ainda que a fortuna o faça mudar de lugar, ele sempre estará no seu [Rousseau, 1999: 14].

A grande preocupação de Rousseau era formar o homem íntegro, virtuoso, aquele que melhor pode suportar os bens e os males da vida. Sua educação deve iniciar-se o mais cedo possível, pois acredita que nossa instrução inicia-se conosco. Qualquer tempo perdido pode significar obstáculos à sua liberdade e à racionalidade.

Entretanto, na educação do homem, deve-se perder tempo para ganhá-lo. Isso porque não se deve nunca apressar o desenvolvimento de um indivíduo. Cada um tem seu tempo de aprendizagem e habilidades específicas para tal. A prudência do educador em considerá-las pode

trazer conseqüências altamente positivas. O tempo de cada um lhe pertence, portanto é preciso considerá-lo no momento da educação. Cada idade tem suas molas que a fazem mover-se, mas o homem é sempre o mesmo. Cada idade precedente é substrato para o desenvolvimento humano.

É preciso saber lidar com os homens e conhecer os instrumentos que permitam influir sobre eles. Para isso, é necessário conhecer as pessoas como realmente são, não para odiá-las, mas para melhor compreendê-las e relacionar-se com elas. Em síntese, trata-se de propiciar a promoção do homem como tal.

Com Rousseau instaura-se uma nova maneira de perceber o homem, suas possibilidades intrínsecas, suas potencialidades diversas. Sua crença no homem, na sua capacidade de ser, de constituir-se homem, fez com que desmoronasse um pensamento cristalizado de que se poderia modelar o homem, independente de sua subjetividade. Sua compreensão inovadora da subjetividade abre a possibilidade de uma educação humanizadora do homem, para melhoria da vida em sociedade. Sua contribuição pedagógica e histórica reside no fato de compreender a educação como essencial ao processo de subjetivação, ou seja, de constituição do sujeito moral, livre e autônomo.



Cidade de Enghien-les-Bains, vizinha de Montmorency, muito apreciada pelas suas águas termais.

### **Educação e formação moral**

Em Rousseau, a educação é vista como formação do sujeito moral, orientada pelos valores supremos da liberdade e da auto-determinação. A partir de Rousseau, a pedagogia deve dirigir-se à criança, considerando-a em seu modo de ser próprio.

Rousseau denuncia o sujeito prático de Kant, ao desvelar, no fundo da subjetividade, não mais a razão e sim o coração e o sentimento, não mais a contemplação e sim ação; não a representação e sim criação, não a ciência, e sim a moral. São condições inteiramente novas da subjetividade, da individualidade e da vontade, que encaminham a educação na preparação do indivíduo para a vida em sociedade e no Estado, de forma mais justa, mais humana, de tal modo que o homem livre possa ser cidadão, e a pedagogia da liberdade seja também uma pedagogia política.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CERIZAR, Beatriz. *Rousseau - A educação na Infância*. São Paulo: Scipione, 1990.
- COLETTI, Luciana. “Sociabilidade em Jean-Jacques Rousseau”. In: *Revista Filosofazer*. Passo Fundo, vol. IX, nº 16 (primeiro semestre de 2001): p. 40-51.
- COSTA, João Cruz e outros. *Grandes Educadores*. Rio de Janeiro: Globo, 1949.
- GILES, Thomas Ranson. *História da Educação*. São Paulo: EPU, 1987.
- GUIMARÃES, Aquiles Côrtes. *Pequena Introdução à Filosofia Política - A questão dos fundamentos*. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2000.
- MANACORDA, Mario Alighiero. *História da Educação – Da antiguidade aos nossos dias*. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1989 (Coleção Educação Contemporânea. Série Memória da Educação).
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da Educação*. (Tradução de Roberto Leal Ferreira). 2 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- 

